

EDELICIO MOSTAÇO

Um vôo desconhecido (a peça-didática)

EDELICIO MOSTAÇO é crítico e professor teatral.

Um Vôo Brechtiano, de Ingrid Dormien Koudela (org.). Editora Perspectiva, São Paulo, 1992, 130 pp.

Prosseguindo um trabalho dedicado à teoria e à prática da *peça-didática* (*lehrstück*) proposta por Bertolt Brecht, a professora Ingrid Dormien Koudela acaba de lançar *Um Vôo Brechtiano*, onde organizou diversos materiais relativos à encenação por ela comandada de *Um Vôo sobre o Oceano*, pouco conhecida obra da lavra brechtiana surgida nos anos 30.

Reunindo um ensaio em co-autoria com Jacó Guinsburg de grande importância, que dimensiona com pertinentes questões estéticas e sociais as diversas implicações abertas pela aproximação entre a política e o teatro, que bordeja todos os contornos utópicos inerentes a esta aproximação; e uma tradução extremamente oportuna do texto "Indicadores de Um Caminho Pela Baalínésia: Por Um Teatro Associal", do estudioso e pesquisador alemão Reiner Steinweg, o volume cresce de importância, ampliando para horizontes pouco usuais o registro de uma encenação teatral, como poderia sugerir um primeiro olhar desavisado.

Para além do convencionalismo dominante nas formas teatrais vigentes, a peça-didática exige um outro posicionamento tanto dos responsáveis pela encenação

quanto da platéia. Primordialmente dirigida aos próprios intérpretes - já que ela trata de um processo de aprendizagem -, também o eventual auditório necessita referenciar-se de forma alterada se for participante da encenação, pois a tradicional atitude passiva de contemplação é avessa ao seu próprio desenrolar. Em mais de uma destas obras brechtianas (especialmente *A Decisão*, *Aquele que diz Sim/Não* e *Peça Didática de Baden-Baden sobre o Acordo*) a conclusão dos episódios depende inteiramente da participação da platéia, que com suas intervenções poderá vir a alterar o rumo das narrativas.

Se, entretanto, você está pensando em algo semelhante ao programa televisivo "Você Decide" ou nas malogradas experiências do teatro do oprimido de Augusto Boal, é melhor mudar de expectativa, pois a peça-didática trata de uma experiência existencial muito mais complexa e nada tem a ver com o "espetáculo".

DAR O PEIXE OU ENSINAR A PESCAR?

O cristianismo barroco já havia se de-
frontado com o problema. Sob muitos as-



pectos os "Exercícios Espirituais" de Inácio de Loyola foram lidos como um teatro da conversão, ou seja, uma série de práticas posturais, comportamentais e de discurso dirigidas explicitamente à persuasão do penitente que a eles se entregava.

O apego jesuítico ao teatral, entrevisto não apenas em sua retórica borbulhante, sua operística prática no ramo dos espetáculos públicos inerente aos "autos de fé" e sua divulgação de uma forma de pensamento embasada pelo *quadrivium*, igualmente ganhou uma explícita dramaturgia evangelizadora nos seminários, colégios e outros locais onde os frades deitaram suas capas pretas. Especialmente na Alemanha, esta onda teatral propedêutica frutificou com intensidade, par a par com as diversas práticas luteranas de culto, da formação de corais e da literatura dirigida especialmente para as homilias, majoritariamente lavradas sob a forma dialogada.

Este conjunto de elementos pré-teatrais presente na cultu-

ra alemã, instituído ao longo do século XVIII e fortemente implementado no século seguinte, passou sem referência no texto “Teatro da Utopia: Utopia do Teatro?”, que privilegiou a análise das correntes de pensamento estético dominantes no pré e no Romantismo alemão. Se escapou aos autores os aportes ao caldo de cultura que associava os assuntos da fé interligando-os às práticas pedagógicas, ressaltou, por outro, a argúcia e pertinência desta panorâmica fornecida pelos autores do ponto de vista da complexa rede de idéias políticas, estéticas e pedagógicas que informou a *paideia* político-teatral nos últimos séculos.

Mas o mesmo não sucedeu com Brecht ou Walter Benjamin, cujas referências a este caldo de cultura encontram-se dispersas em várias de suas obras. E possibilitaram a um criar a *lehrstück* de cunho materialista e, ao outro, enquadrá-la esteticamente no âmbito das vanguardas históricas.

Benjamin foi o único, dentre seus contemporâneos, a apreender os complexos significados subjacentes à peça-didática. Dos numerosos textos de Brecht dedicados ao assunto, a maioria ainda é conservada sem conhecer as benesses de uma edição, sob a forma de manuscritos. A divulgação sistemática de seus conteúdos, ao longo dos anos 70, é devida especialmente ao pesquisador Reiner Steinweg, do qual Ingrid Dormien Koudela é a única divulgadora no Brasil. Lamentavelmente, porém, seus escritos mais importantes ainda não conheceram traduções completas para o português.

No texto incluído em *Um Vôo Brechtiano*, uma espécie de síntese de seu pensamento está estampada. Ali é destacado que a peça-didática dirige-se para o associal, ou seja, ao jovem, o indivíduo ainda em formação psicológica, social e política. A peça-didática funciona, nesta perspectiva, como um ambiente favorável à sua iniciação social, ao propor-lhe processos vivenciais através de dinâmicas grupais, onde o uso do raciocínio deve caminhar passo a passo com o da aptidão física. Esta interação, pela amplitude de envolvimento, dimensões e funções que abarca, atinge o cerne da questão da sociabilidade.

Não poderia ser outro o objetivo de um teatro compromissado com a mudança social, como o brechtiano. Leitor confesso do *Que Fazer* leninista e do opúsculo filosófico de Mao-Tse-Tung *Da Contradição*, Brecht refez com raro brilho criador o percurso que vai da *educação estética* de

Schiller até o *filosofar martelado* de Nietzsche; com pausas para meditação em toda a *ideologia alemã* marxista e as pacíficas lições de Confúcio. Esta massa vigorosa de escritos ajuda a embasar o mais consequente *corpus* estético teatral do século XX. E lhe serviu para rebater, dentro dos limites do pacto stalinista dos anos 50, todo o rançoso discurso do realismo socialista e as militantes funções sociais da arte como preconizadas pelos próceres da Revolução de Outubro.

É por isso que, como destaca Steinweg, a peça-didática ocupa o centro da poética brechtiana, pois é onde está concentrada sua mais ousada e criativa contribuição para a *paideia* de um teatro do futuro. Resistente às cooptações e revisionismos, a teoria e prática da peça-didática conduz à revolução permanente no campo das teorias estéticas; donde seu caráter estruturante, aberto e em transformação.

Recusando o recurso fácil ao “modelo” (tal como encontrado no teatro do oprimido de Boal), ao mesmo tempo que a simples dicotomia *sim/não* do “Você Decide” (de onde está afastada qualquer outra possibilidade senão a mera inversão de sinais nos desfechos dos enredos), a peça-didática é antes um processo social de interação, que se utiliza de elementos estéticos e teatrais para dramatizar o *socius* através do *ludus*.

O VÔO

Der Ozeanflug possui o subtítulo de *Peça Didática para Rapazes e Moças*, tendo sido escrita entre 1928 e 29. Sua ação está centrada no esforço humano para sobrevoar o Oceano Atlântico, tarefa empreendida por Charles Lindbergh, quando cruzou da América para a Europa num pequeno avião sem recursos técnicos suficientes. Seus interlocutores são os elementos da natureza (o frio, a neblina, a água do mar) e os outros aviadores, uma vez que a personagem principal está subdividida entre vários intérpretes.

A montagem de Ingrid foi realizada na ECA-USP como atividade curricular, visando servir de estudo da peça-didática. É possível afirmar que a experiência foi o coroamento prático de um itinerário iniciado em sua tese de doutoramento (publicada com o título de *Brecht: Um Jogo de Aprendizagem*), onde todos os pressupostos da teoria brechtiana foram estudados e interpretados, muitas vezes através de um cru-



BRECHT 1935, NOVA YORK

zamento com as teorias de Piaget e da teatróloga norte-americana Viola Spolin.

Em *Um Vôo* alguns artigos elaborados por seus colaboradores da equipe técnico-artística registram os passos do processo, oferecendo ao leitor uma panorâmica dos procedimentos empregados. Primeiro registro sistemático de uma peça-didática realizado entre nós, *Um Vôo Brechtiano* cumpre suas funções de subsidiar outros aprofundamentos possíveis e necessários, no sentido de divulgar e ampliar as discussões sobre Brecht no Brasil, infelizmente até hoje monopolizadas pelo stalinismo.

Brecht conheceu no Brasil a mesma infelicidade que Stanislavski padeceu em todo o mundo: suas obras foram pouco e mal divulgadas, sem a necessária ordem de exposição de idéias, ocasionando não poucos mal-entendidos e igual número de distorções de toda espécie. A tal ponto que a maior parte dos estudiosos desconhece ou mesmo desdenha sua sensível contribuição para o terreno da poesia alemã, onde sua criatividade lavrou alguns exemplares de raro talento ou suas interferências junto à música, pois se ele era um intérprete medí-

ocre de clarineta conhecia muito bem o pentagrama, a ponto de associar-se a alguns dos mais ilustres nomes da batuta germânica deste século, como Hans Eisler, Paul Dessau e sobretudo Kurt Weill. E, não tenhamos dúvidas, não é possível dissociar seu nome de todos estes terrenos da criação artística, uma vez que eles se iluminam reciprocamente; muito menos reduzi-lo a um simples panfletário da causa socialista ou da luta antinazista.

Estudos recentes apontam Brecht como um dos pilares do pós-modernismo teatral, sendo bastante reconhecidos os laços que ligam Heiner Müller, Botho Strauss, Peter Handke ou os cineastas Fassbinder e Herzog ao dramaturgo de Augsburg. Sua presença soberana na cena alemã (e internacional) não tem parado de manifestar-se, mesmo naqueles movimentos artísticos aparentemente nascidos em contextos diversos ou na obra de artistas de passado sem relações com sua poética. A *suma* brechtiana - da qual a peça-didática representa o *must* - certamente conhecerá novos dias, depois de abertos os arquivos e baixada a poeira causada pela demolição do muro de Berlim.